

RICARDO SEVERO
DA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE LISBOA

Origens da Nacionalidade Portuguesa

Terceira conferencia da serie organizada pelo Gremio
Republicano Portuguez, em S. Paulo, realisada no Instituto Historico
e Geographico de S. Paulo, em 22-VII-1911



LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C. TA
20 - Praça dos Restauradores - 20

1912

Fernando de Sa

Origens da Nacionalidade Portuguesa

DO AUCTOR

- Paleoethnologia Portugueza*—A proposito do livro de M. E. Cartailhac, *Les Ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Porto, 1888, in 8.º, 113 pags.
- Primeiros vestígios do periodo neolítico na provincia de Angola*. 1890, 12 pags., 1 phototipia.
- Um vaso romano de barro*, in *Rev. de Sc. Nat. e Soc.*, t. II, 1893-94, pag. 130, 1 grav.
- Estatueta romana de Soutello*. 1899, 4 pags., 1 phototipia.
- Ex-voto de bronze de Soutello d'Arnoia*. 1900, 12 pags., 1 phototipia, 3 grav.
- Notícia da estação romana da quinta da Ribeira em Tralhariz*. 1900, 8 pags., 3 grav.
- As necropoles dolmenicas de Traz-os-Montes*. 1903, 52 pags., 16 est. lithogr., 20 grav.
- O Thesouro de Lebução* (ourivesaria pre-romana). 1905, 16 pags. 1 phot., 1 chromolith. e 3 grav.
- Os braceletes d'ouro de Arnozella*. 1905, 12 pags., 1 phototipia, 12 grav.
- Os torques de Almoester*. 1905, 4 pags., 1 grav.
- Novas descobertas de ourivesaria proto-historica*, in *Portvgalia*, 1905, t. II, pag. 109, 1 grav.
- O cemiterio romano do Monte de Penouço* (Rio Tinto), in *Portvgalia*, 1905, t. II, pag. 111, 6 grav.
- Tres inscripções funerarias ineditas do Monte de Penouç*, in *Portvgalia*, t. II, pag. 126, 3 grav.
- O Mercurio de Casal-Comba*. 1906, 12 pags., 1 phototipia, 2 grav.
- O Castro de Villarinho de Cotas*. 1906, 12 pags., 7 grav.
- Necropoles lusitano-romanas de inhumação*. 1907, 12 pags., 22 grav.
-

- Carlos Ribeiro* (Estudo bibliographico). Porto, 1898, 29 pags., 1 retrato.
- Os trabalhos paleoethnologicos no Algarve do snr. Estacio da Veiga*, in *Rev. Sc. Nat. e Soc.*, t. II, 1893-4, pag. 126.
- Les Dolmens de Villa Pouca d'Agular*—*Question d'authenticité*, in *Portvgalia*, t. II, pag. 113.
-

De collaboração com FONSECA CARDOSO :

- Notícia archeologica sobre o Monte da Cividade*, in *Rev. de Gulmarões*, t. III, 1886, pags. 137 e seg.
- O ossuario da freguezia de Ferreiro*. (Estudo anthropologico). 1900, 26 pags., 10 grav.
- Nota sobre os restos humanos da caverna neolithica dos Alqueves*, in *Portvgalia*, 1900, t. I, pag. 338.
- Observações sobre os restos humanos da necropole do Desterro*, in *Portvgalia*, 1901, t. I, pag. 598.
- Nota sobre os restos humanos da necropole de Ferrestello*, in *Portvgalia*, 1907, t. II, pag. 357.
-

- Sociedade Carlos Ribeiro*—*Propaganda das sciencias naturaes em Portugal*. —Porto, 1888. Membro fundador.
- Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*. (Parte da Direcção). 5 vols. illustrados. Porto, 1890-1898.
- PORTVGALIA. Materiaes para o estudo do povo portuguez*. (Director e Editor). Em publicação desde 1899. Tomo I e tomo II.

RICARDO SEVERO
DA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE LISBOA

Origens da Nacionalidade Portugueza

Terceira conferencia da serie organizada pelo Gremio
Republicano Portuguez, em S. Paulo, realisada no Instituto Historico
e Geographico de S. Paulo, em 22-VII-1911



LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª
20 - Praça dos Restauradores - 20

1912

Composto e impresso na Typographia Santos
62, Rua das Flores, 64—Porto

PREAMBULO

SENHOR PRESIDENTE, MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES :

Obrigado vos sou pela vossa bondade, que outro sentimento não é o que aqui vos trouxe a ouvir-me, accedendo ao convite do Centro Republicano Portuguez de S. Paulo.

Em verdade, pouco vos póde interessar pessoalmente quem deixou o quotidiano officio de alvenel para vir aqui falar-vos da constituição de uma nacionalidade, como se fosse obra corrente de alvenaria commum de tijolos.

Trata-se, porém, de um ensaio de reconstrucção, cujos processos são em certa medida, similares. E' bem possivel que desse trabalho algo mereça a vossa complacente attenção, não pela novidade—que a não tem—mas pela velharia do assumpto; e porque, no intimo de cada um de nós ha sempre certo interesse, mixto de veneração e de curiosidade, pelos factos e personalidades antepassadas.

Devido á vastidão do assumpto que me foi proposto, de difficil condensação, em virtude da complexidade de alguns dos seus problemas, e, particularmente,

em razão da propria insufficiencia, receio bem não responder, nem como narrador nem como alvenel. Confio apenas na vossa benevolencia.

Antes de entrar no assumpto proprio desta conferencia, cumpre-me, em primeiro logar, saudar o illustre escriptor brasileiro Sylvio Romero, que a uma das suas ultimas obras deu o titulo de PATRIA PORTUGUEZA. Pondo de lado o proposito critico desta obra, pôde affirmar-se que ella condensa os mais exactos e completos conhecimentos relativos á origem da nacionalidade portugueza. Seria por consequencia uma flagrante injustiça que, a este proposito, e como portuguez, não saudasse em primeiro logar o eminente brasileiro, que se revela em sua obra, com nobre patriotismo, um sabio e verdadeiro amigo de Portugal.

E'-lhe devida esta justissima homenagem.

O Territorio

Demora a nação portugueza em um reduzido tracto de terra situado a oeste da Península Ibérica, no extremo occidental do continente europeu. Não occupa mais do que 89.000 kilometros quadrados, com 1.200 kilometros de fronteira terrestre, limitrophe com terras de Hespanha, e 850 kilometros de costa maritima, banhada pelo Oceano Atlantico.

Com effeito, diminuto é em proporções esse paiz de portuguezes; e surprehende como, participando de uma península, quasi ilha, tão completamente caracterizada como unidade geomorphologica, essa estreita faixa de territorio se tenha conservado como paiz autónomo, dentro dos seus limites politicos e topographicos.

A cordilheira pyrenaica constitue, de facto, uma impenetravel muralha que separa do Continente a Península Ibérica; o immenso fôssco oceanico, composto dos mares Cantabrico, Atlantico e Mediterraneo circumda sem descontinuidades os quatro outros lados d'esse polygono pentagonal, suspenso na extremidade sudoeste da Europa. O systema que limita e isóla

este appendice do corpo continental é, pois, cerrado e perfeito.

Quaesquer que sejam as modalidades physiographicas d'este paiz insular, á unidade geomorphica parece que deveria corresponder a unidade, se não ethnica, pelo menos politica dos seus habitantes. Não obstante, porém, estas condições decisivas e circumscriptas do meio geographico, a heterogeneidade dos povos peninsulares é um facto tão notavel como a multipla diversidade dos seus aspectos e climas, dentro d'esse polygono de curto diametro, que apenas occupa sobre o globo terrestre, cerca de 8 gráus de latitude e 23 de longitude.

A sua localisação, em relação ao continente europeu, apenas separado por um estreito canal do continente africano e collocado na portaria do grande lago mediterraneo, constituiu-o em uma das ultimas atalhas que fecham o circuito do velho mundo; transformou-o em um vasto entreposto de todas as civilizações e de todas as correntes migratorias. Segundo a Historia, por este paiz transitaram povos que descêram dos planaltos genesiacos da Asia Central, gentes do Iran, caravanas da Chaldeia, frótas de Phenicios, bandos de Berbéres e de Mouros vindos do noroeste africano, colonias que emigraram do centro e do oriente da Europa, exercitos de Slavos e hordes de Hyperboreos oriundos do norte scandinavico.

A esta multiplicidade de povos e de raças, corresponde o quadro territorial com suas varias regiões chorographicas, e concumitante diversidade de caracteres climatericos. Estas circumstancias, pois, deveriam ter sido o motivo bastante para a differenciação das diversas parcelas d'esse todo, fundindo-se as que mais

se assemelhavam e formando nucleos independentes ou nacionalidades.

Com effeito, por um conjuncto de condições attinentes á natureza huma da sua população e á natureza physica do seu «habitat», as diversas provincias da Hespanha conservam caractéres assaz distinctos, fundados em caractéres ethnicos igualmente differentes. Assim tambem a actual provincia portugallense, que se mantém autónoma, nas suas condições differenciaes de ordem geographica e ethnologica.

Olhando sob o ponto de vista morphologico esta faixa de territorio, nota-se que é limitada por incidentes topographicos claramente definidos; pelo lado de terra, as linhas de agua, as cristas montanhosas e os valles, que contornam uma zona em amphitheatro, esbatendo-se até ao nivel do mar; a poente e sul, segundo uma linha de costa maritima, recortada de praias e abras.

Não é só o accidente geologico que, como uma alterosa montanha ou um profundo hiato, circumscreve um paiz e o isola de outros. Dentro do mesmo paiz, muito embora as características unitarias da sua constituição geographica, a terra do planalto é sempre distincta — pela sua situação altimetrica, pelo seu clima, pelo *habitat* especial que offerece á sua fauna e flora — da terra da encosta e do valle. A *serra* e a *ribeira* constituem de facto territorios differentes, não só como meio physico, mas tambem como meio social, sendo não obstante partes componentes da mesma região ou unidade geographica.

Assim deve considerar-se o paiz portuguez, e tambem as provincias costeiras de Hespanha, em relação ao planalto central da Peninsula Ibérica, se bem que

não haja a demarcar estes territorios, separando-os do nucleo central, divisas evidentes ininterruptas de caracter geologico ou geographico. São unidades metricamente inferiores, componentes de uma unidade geomorphica de valor superior.

A conformação do territorio portuguez, e a sua separação do paiz hespanhol, é delimitada principalmente pela disposição das suas bacias hydrograficas; os rios e seus grandes affluentes voltam-se para o nordeste e o norte contornando os planaltos hespanhoes da Extremadura e Castilha, dos quaes se separa o amphitheatro portuguez; o Guadiana que se escôa para o sul, fecha o quadrilato segundo uma linha quasi paralela á orla maritima. A situação das suas enseadas e portos, dos quaes Lisboa e Lagos têm a primazia, dá a esta zona de littoral portuguez uma importancia capital, collocada como está sobre a esteira atlantica do trafego entre as costas occidentaes da Europa e os outros continentes, e como ponto de convergencia sobre o oceano das vias commerciaes da Peninsula.

Devido á sua quantiosa rêde hydrographica e concordante systema orographico, as terras de Portugal são regadas com mais abundancia do que os planaltos castelhanos e em maior escala na parte do paiz ao norte do Tejo, do que ao sul, onde as charnekas plainas do baixo alemtejo, têm um aspecto árido e uniforme. O norte do paiz, mais accidentado, mais cortado por talwegs de rios e torrentes, tem uma variedade de climas locaes, a que corresponde uma grande diversidade de typos agrológicos.

Pela sua constituição geomorphica, sob a influencia do clima maritimo que corresponde á sua situação, e dentro do typo «temperado mediterrânico» em que é clas-

sificado, o paiz abrange os climas de montanhas, de valles e de planicies. Accresce a estas variações a contextura geologica do solo, tambem de um notavel polymorphismo; a esta multiplicidade de caractéres corresponde uma fauna e flora tambem rica e variada.

Adaptando-se a estas diversas condições de vida, a população que tem habitado este territorio, que vive da exploração directa do solo, adquiriu as formas correspondentes da vida social, desde o primitivo regimen nomade do caçador até ao regimen pastoril e agricola, nas suas phases communista e particularista.

Esta população conta actualmente pouco mais de cinco milhões de unidades, isto é, 56,2 por kilometro quadrado, densidade superior á média europêa; deste total, 62 por cento se empregam em trabalhos ruraes, o resto, nas indústrias, no commercio e nas profissões liberaes.

O diminuto tracto de terreno sobre que se fixa a nação portugueza representa, portanto, um conjuncto synthetico de caractéres geographicos, um quadro definido, dentro do qual uma numerosa familia vive e trabalha quotidianamente pela existencia tendo os meios bastantes para essa lucta e para a sua victoria.

Facil é de explicar, segundo a conformação do proprio solo, a constituição de seu territorio como unidade geographica independente; vejamos como se organisou essa familia humana, quaes as suas origens, as suas razões de ser como unidade social ou nacionalidade, tambem independente e autómona.

As civilizações prehistoricas

O methodo de estudo tem de ser naturalista, pois que a inquirição historica nos abandona junto aos primeiros documentos escriptos. As origens dos povos e das civilizações ficam ainda mais longe. Para as attingir muito ha que caminhar, e muitas vezes se erra o caminho, porque os rastos dos povos sobre a terra, se vão apagando e perdendo; as tradições vão sendo esquecidas, e jázem apenas soterrados no proprio solo onde vivêram, as ruinas das civilizações, os cadaveres fosseis dos homens antepassados, encobertos pelos dextrictos sedimentares do tempo e das alluviões.

São-nos legados como elementos de analyse esses restos materiaes, muitas vezes disformes, esqueletos corroidos, outr'ora animados pela ephemera vestimenta da vida; e conjunctamente os esqueletos dismantelados dessa propria vida, das casas, dos tumulos, das artes, das industrias. . . que se vão decompondo e transformando nessa poeira infinita que constitue a materia sempre viva da terra.

Aos archeologos compete a nova tarefa; ha que

fazer excavações e reconstrucções; não existe sequer um roteiro; apenas a tradição, de quando a quando, como guia sempre enigmatico e duvidoso.

Do solo portuguez, que agora nos occupa, foram desenterrados os vestigios mais remotos da industria humana.

Foi em 1866 que Carlos Ribeiro, o fundador dos estudos archeo-geologicos em Portugal, desenterrou dos depositos terciarios da bacia do Tejo esses primeiros utensilios de pedra lascada, considerados como manufactura do homem. Estas descobertas no terciario portuguez foram acompanhadas pelas de Thenay e Cantal em França, que as confirmaram quanto á provavel existencia de um ser humano durante esses afastados periodos geologicos. Admittidos esses «silex» lascados como obra do homem, este teria sido contemporaneo de especies animaes completamente extinctas, proprias de um clima de altas temperaturas. A origem do homem teria pois ultrapassado a chronologia geologica até então prevista, não só contra os dogmas scientificos e da genése biblica, como tambem contra as mais audazes hypotheses da anthropologia.

De accordo com as leis paleontologicas, e acompanhando a evolução da fauna fossil contemporanea, nesse periodo geologico não deveria ter existido o homem no seu actual typo genérico, mas a sua forma precursora; denominou-se então «Anthropopithecus ribeirensis». Muito mais tarde, em 1894, descobriu-se na ilha de Java, em terrenos terciarios, os restos esqueleticos desse precursor do homem, de um ser intermediario, de attitude vertical e outros caracteristicos humanos, ao qual o seu autor denominou «pithecanthropus erectus».

Estas descobertas são, pois, documentadas na pro-

pria formação do solo portuguez, a qual foi acompanhada pelos typos ancestraes do genero humano. A este primeiro periodo de civilisação se chamou *colithico*.

Seguidamente, nos terrenos alluvionares de idade mais recente, e nos depositos das cavernas do periodo quaternario, são encontrados ainda os vestigios do homem, com uma civilisação mais avançada, usando o utensilio de pedra lascada, mais aperfeçoado na sua forma, mais completo nas suas utilidades. O homem de então habita as cavernas e abrigos naturaes; no começo troglodita e caçador, vae depois domesticando alguns animaes, ensaiando algumas industrias caseiras como a do vestuario, da olaria, e outros artefactos rudimentares; enterra os seus mortos depositando-os nas cryptas naturaes, faz a trepanação. Intitula-se este periodo de *paleolithico*.

Durante este immenso periodo de muitos milhares de annos, e na sua ultima phase, predomináram no centro da Europa as baixas temperaturas e ahi viveu uma fauna de clima frio, rica de especies, da qual uma parte emigrou para os gelos do norte, outra desapareceu como o urso das cavernas, a rena, o mammoth. Na ultima época o trabalho da pedra adquiriu uma perfeição verdadeiramente notavel; encontram-se pontas de flechas de um trabalho finissimo, são verdadeiras joias: o homem trabalha os ossos dos animaes para utensilios e objectos de adorno; enfeita-se e ornamenta o seu parco mobiliario com desenhos de um naturalismo ingenuo mas artista. E' a infancia da Arte.

Em grutas dos Pyrineus, nas vertentes francezas e hespanholas, têm-se encontrado desenhos coloridos que reproduzem os animaes da época, em grupos e attitu-

des de uma exactidão que surprehende. Visitei as celebres grutas de Altamira, perto de Torrelavega, e pude apreciar á luz de magnésio esses quadros pintados sobre os tectos abobados, em lugares arredados e escuros, onde não chega a claridade do dia. Parece que o homem de então, propositalmente confiou a esses escuros arcanos subterraneos, que abrigáram as primeiras familias humanas, o quadro desses animaes, alguns desaparecidos, que constituíam o elemento basilar da sua vida primitiva de caçador e pastor.

Estas estações do quaternario, descobertas no sólo da Peninsula, attestam portanto que aqui existiu o homem, desde a sua fórma percursora, evoluindo durante épocas affastadas de nós por verdadeiros cataclismos geologicos, ao lado de especies animaes que desapareceram, se transformáram tambem ou emigráram para os climas extremos da zona equatorial ou para os campos gelados das regiões polares.

Não se carece, pois, de recorrer ao Eden paradisíaco para buscar os descendentes de Adão, afim de povoar estas terras que ficáram no cabo do mundo. Nellas encontramos seres pré-adamicos, fixos ao sólo como productos natos. Sem querer perturbar a these monogenista das origens humanas, accentúo este facto primordial da coexistencia do homem com os phenomenos geologicos que prepararam o territorio peninsular desde as formações terciarias dos valles do Tejo e Sado.

Continuando as nossas pesquisas, novos vestigios encontramos e novos progressos nas primitivas civilizações humanas. A' industria da pedra lascada, segue-se a da pedra-polida; encontram-se restos do homem e da sua industria em estações de formação mais re-

cente, junto a restos de uma fauna igual á de nossos dias. Apenas nos distancia dessas éras a natureza barbara e primitiva da civilisação. Estamos em um novo periodo que se intitulou de *neolithico*, e com elle termina a EDADE DA PEDRA.

O homem occupou ainda os abrigos naturaes, mas abriu tambem grutas artificiaes á semelhança d'aquelles, e construiu as primeiras choupanas sobre estacaria á beira dos lagos, ou dentro de palissadas em campos fechados e entrincheirados. Inicia-se a vida communista; manifesta-se o culto pelos mortos que são inhumados primeiramente dentro das proprias habitações sob a primitiva lareira; na ultima phase d'este periodo, porém, o homem construiu, á semelhança da sua casa, o tumulo megalithico; e d'esta sorte edificou extensas necropoles. Os tumulos são camaras de enormes blocos, cobertos por montes de terra, que parecem ser as lendarias construcções de cyclopes; no interior foram depositados os cadaveres, ao lado os utensilios e o mobiliario de uso commum, os seus adornos e armas; havia pois a crença em uma vida futura — a morte era uma consagração.

Quem isto vos narra, meus senhores, algum tempo palmilhou por carreiros tortuosos os planaltos do Norte de Portugal, caminhando por essas *chans* agrestes e frias, onde apenas produz o centeio, acompanhado pelo almocreve folgazão e fiel, e pelo canto dolente das cotovias. Por esses planaltos se estendem séries de tumulos megalithicos, (*antas* se chamam, com as suas *mammôas*) como se fôra um extenso campo santo, collocado em lugar menos accessivel ao desrespeito dos homens, mais proximo do azul do firmamento. Nesse ermo jaz a longa necropole, eterna-

mente enfeitada pelo manto florido e brilhante do ceu estrellado, que as nuvens por vezes cobrem como crépes funebres e lutuosos.

Nas tardes de poentes arroxeados e serenos, quando o toque das Ave-Marias sóbe dos campanarios dos valles, écoando pelas serras como litanias de orgam em uma immensa cathedral, o viandante descobre-se, forçado por essa suggestão de melancholica religiosidade, e os joelhos dobram-se em uma prece muda por esses que já vivêram, cujo culto imponente o prostra sobre a terra sagrada, e o fixa a ella, como esses tumulos immorredouros de granito, cobertos por montanhas, fixando eternamente ao mesmo sólo os restos dos antepassados.

Sente-se que nessas construcções tumulares de cyclopico apparelho, estão os alicerces de uma patria. Quaesquer que sejam entre os homens as formulas sociaes ou as luctas dispersivas, nem estas nem os tempos conseguirão destruir por completo esses rusticos monumentos que sobre a terra implantaram as primeiras familias humanas. No simples utensilio de pedra, que o homem primitivo transformou em amuleto symbolisando a potencia criadora, e nesses pantheons de grandes penedos em cúpula, forçoso é confessar que estão os primeiros monumentos da fraternidade humana, as primeiras origens de uma nacionalidade.

De todos estes typos succedaneos de estações pre-historicas existem em Portugal numerosos exemplares e perfeitos. A ordem de continuidade entre estes estádios de civilisação é tal, que em algumas estações mais avançadas da idade da pedra se principia a notar a applicação dos metaes, como se fosse a infil-

tração de uma nova civilização. Começa-se por um metal simples o cobre, que é nativo na Península. E' ainda neste promontorio, no Sudeste, e dentro de Portugal, no Algarve, que apparecem os productos desta industria do cobre, constituindo uma natural transição para a industria do bronze e do ferro. Na prehistoria da Península, dever-se-á, portanto, abrir como termo chronologico de classificação uma *idade do cobre*.

Alguns dos momentos megalithicos do periodo neolithico subsistiram durante as edades e civilizações posteriores; pela sua continuidade dentro do seu quadro geographico, e pela singularidade de alguns aspectos dentro do seu quadro archeologico, a chronologia da prehistoria peninsular não póde medir-se pelas datas attribuidas ás civilizações do resto da Europa. Esta confusão tem dado lugar ás mais erradas interpretações dos factos prehistoricos de Portugal e Hespanha, os quaes constituem um cantão isolado, com caracteristas locais e chronologia propria.

As necropoles megalithicas (de «dolmens», segundo a designação celtica) permanecêram em algumas zonas de Portugal durante toda a idade do bronze; alguns archeologos as faziam contemporaneas de estações das primeiras edades do ferro. Houve regiões do paiz, nos planaltos, em que os nucleos humanos permanecêram sob a civilização da pedra, emquanto que nos grandes valles e na zona maritima, junto ás estradas das migrações, os povos gosávam de civilizações mais avançadas. E' o exemplo similar do Brazil, com os seus aldeamentos de indios aborigenes, concentrados pelos sertões, ainda na idade da pedra.

Em torno do culto dos mortos que erigiu essas ne-

cropoles, uma doutrina religiosa se constituiu com os seus ritos, em que cada dolmen é uma cathedral. De accordo com esta uniformidade de typos archeologicos, que se encontra por toda a parte, até nas Indias Asia-ticas, aventou-se a theoria de um povo-dos-dolmens caminhando pelo mundo inteiro, de oriente ao occidente, impondo a sua civilização.

Entretanto, observamos como no pequeno territorio portuguez é um facto a permanencia do homem desde as suas origens, adstricto ás condições phisicas do seu meio, evoluindo gradativamente desde as manifestações mais simples da sua civilização. O progresso das civilizações autóchtones e a influencia de outras, não se realiza tão sómente pela irrupção de uma corrente immigratoria; faz-se tambem insensivelmente, pelo contacto de elementos proximos, de povo a povo; ha a introdução de uma nova arte ou industria sem que um novo povo surja no quadro ethnico do anterior; outras vezes dá-se a invasão de novo povo sem que se altére a civilização préexistente.

Sob o ponto de vista da sua composição ethnica, a população da peninsula era a esse tempo assáz mesclada. Já as duas raças primitivas de craneos longos e largos se haviam combinado em productos de variada mestiçagem. Qual d'elles foi o introductor das novas civilizações? As causas determinantes deveriam ter sido varias e complexas; entretanto, o elemento primitivo foi o de craneo longo, ou dolicocephalo; o invasor o de craneo largo ou brachicephalo.

Inicia-se a idade dos metaes com o apparecimento do cobre como elemento industrial; em continuação appareceu o bronze, por ultimo o ferro. O bronze é uma liga de cobre e estanho; é um producto artificial.

Para explicar esta nova aquisição da industria humana, mais invasões de elementos ethnicos avançados são requeridas pelos eruditos; não obstante, os dois elementos cobre e estanho, encontram-se na Peninsula, onde algumas tradições localisáram as «Cassitérides» das lendas argonautas do mundo classico mediterraneense.

As estações da idade do bronze confundem-se com as anteriores e ligam-se ás sequentes, onde já apparecem as applicações do ferro, cujos minerios se encontram no norte da Peninsula em jazidas possantes e ricas.

São esclarecidas estas primeiras estações da idade do ferro pelas alvoradas indecisas da historia. Ligam-se com verosimilhança a legendas e inscrições datadas; são relacionadas em periplos e roteiros dos navegadores phenicios e gregos.

Uma grande difficuldade surge, porém, no meio de todos estes documentos, a qual está na exacta interpretação d'essas epigraphes e d'esses textos. As eruditas discussões a tal proposito preenchem uma vasta bibliotheca!

Os dados archeologicos, porém, supprem em parte esta insufficiencia, denunciando-nos as fórmulas e caracteres das civilisações; os dados anthropologicos esclarecem-nos quanto aos typos humanos fundamentaes.

As familias, as tribus, as «cidades», são situadas nos altos dos montes, em posições estrategicas adrede escolhidas. Em geral um systema de muralhas concentricas defende estas primitivas cidadélas que durante seculos se oppuzéram tenazmente ás legiões invasoras dos romanos. A pouca distancia eram postas as necrópoles, cujas sepulturas com o seu funebre mobilario

são o repositório da historia e civilisação d'estes antigos povos.

Os «castros» e «cidades» — que assim denomina a tradição popular essas acrópoles fortificadas — tiveram no norte de Portugal o seu erudito exhumador, Martins Sarmiento, assim como as acrópoles de Mycenae e Troya tiveram em Schliemann o sabio revellador das suas epopéias de grandezas. Aquellas, do norte portuguez, são mais humildes, se bem que tão valiosas para a historia dos barbaros povos da Luzitania.

A tradição popular conserva d'essas estações noticia exacta na sua toponimia local; a lenda envolve-as no seu nebuloso romantismo. A todos esses montes de ruinas o camponez chama «castello de mouros»; todos eram cerrados por altas muralhas impenetraveis, do seu amago partia em direcção ao rio ou fonte proxima um caminho subterraneo por onde iam pela agua e levavam a beber os seus rebanhos.

Ahi, junto á fonte que um deus barbaro protége, n'esse ponto mysterioso do rio — n'esses ribeiros de margens frondosas e bucolicas — a lenda conta que mouras encantadas surgem ainda hoje d'essa entrada escondida, para se pentearem ao luar, debruçadas sobre o espelho das aguas crystallinas e luzentes.

E essa lenda de encantamento, véda, com o seu improfundavel mysterio, a entrada que nos levaria, se alguém ousasse descobri-la, até ao interior da cidadéla soterrada, desvendando-nos a sua legendaria historia!

A todos os restos archeologicos de passadas épocas o povo incluye nas suas lendas da *moirama*. As invasões dos africanos deixaram com effeito na plebe portugueza a impressão mais profunda e duradoura. E' essa tradição que nos conduz pelos caminhos disper-

sos das aldeias em busca d'estes factos da historia antiga nacional. A massa popular, ingenua e franca, conserva-nos, pois, com os caractéres das raças ancestraes, as suas novellas legendarias, os usos e costumes tradicionaes, que nos levam á constituição das primeiras civilisações, as quaes a historia por completo ignora. Ahi está, positivamente, n'essa massa anonyma que rasteja sobre a terra nacional o thesouro e a alma da patria.

D'entre as estações fortificadas que agora consideramos, tomarei a mais caracteristica, o Castro de Saboroso, no centro do Minho. Espessas muralhas de cinco metros, de grossa alvenaria, circundam um agglomerado de casas cylindricas, como moinhos, com estreitas ruélas lageadas. Conservou-se este castro estranho á influencia romana. Encontram-se entre os detritos de louças, armas, utensilios e adornos — laminas de silex lascado e machados de pedra polida. Este caso de sobreposição *in loco* de civilisações que se succedêram durante milhares de annos, é notavel como documento de persistencia no solo portuguez de povos autóchtones, cuja historia é parallela da historia geologica local.

A *Citania de Briteiros*, pouco distante de Saboroso, a cidade de Tarroso, de Bagunte (explorada por mim) e tantas outras mais, constituem verdadeiras cidades nas quaes a civilisação romana completamente dominou. Entretanto, nada tem de romano o seu aspecto archeologico. A architectura é a de Saboroso, esse *oppidum* typico: a alvenaria das casas cylindricas é de aparelho helicoidal, modelo original e unico; a singela ornamentação das hobreiras e padieiras de granito, assim como a ornamentação das suas louças de barro,

é de estylo mycenico, representando no norte do paiz essa civilisação que se espalhou por todo o mundo mediterrânico e cuja synthese se encontra nas ilhas do mar Egeu.

Essa civilisação, segundo Martins Sarmiento, teria sido trazida pelos *Ligures*, vindos do Oriente, eguaes aos povos de anteriores immigrações que occuparam o noroeste da Europa até á ilha de Ea.

E' interessante notar, como manifestação do caracter unitario de uma parte da população do norte portuguez, que ainda hoje nas regiões montanhosas, onde o regimem é pastoril e communista se vêem os povoados constituidos como as antigas cidades; o casarío, de perimetros rectos ou circulares, aggrupado como uma colmeia no cucurúto dos montes, sem muralhas todavia, abrigando uma colonia trabalhadora e pacifica que representa actualmente o primitivo habitante ancestral, dentro do seu ambiente archeologico, como em outras éras.

Este curioso facto que vos aponto pertence á numerosa série de sobrevivencias ethnologicas que se notam em Portugal, que dão á sua população e á sua historia uma homogeneidade notavel, contrastando com as outras nações europeias.

Ao passo que nas estações do centro a civilisação é *Egeana*, ao longo das costas as influencias são phenicias ou carthaginezas. As descobertas do Sudéste da Peninsula, que hoje enchem galerias de museu, foram ultimamente estudadas e commentadas por um sabio archeologo, o sr. Pierre Paris, em uma obra em dois volumes intitulada: «Ensaio sobre a arte e a industria da Hespanha primitiva».

Um facto capital se deduz deste estudo: é a exis-

tencia de uma *civilização ibérica* rigorosamente determinada, anterior ás influencias vindas até á Península desde o oriente mediterrânico por intermedio da civilização grega e dos phenicios. Esta these, de uma cathorica simplicidade, é de um alto alcance para a reconstituição do velho mundo occidental; os *Iberos* dos antigohistoriographos tem pois o seu lugar demarcado no vasto amphitheatro mediterrânico, por onde se espalhou a civilização dita Egeana ou greco-archaica.

Em Portugal, Martins Sarmiento e outros mais modestos estudiosos haviam já affirmado a primitiva independencia da civilização do *Occidente ibérico*; grato nos foi que este facto seja proclamado por um sabio estrangeiro ás nacionalidades peninsulares.

«A arte indigena da Iberia, diz o sr. P. Paris, abandonada a si propria, nas provincias afastadas do noroeste e do Centro, como paralysada por um vicio da natureza, permaneceu em um estado estacionario de rudeza barbara, e apenas por intervallos se vivificou sob a influencia longinqua da arte mycenica. Pelo contrario, nos paizes que são banhados pelo Mediterraneo, onde se estabeleceram os phenicios e os gregos, a dupla influencia do commercio e do espirito oriental e hellenico, trouxe ás idéas e producções locais um elemento fecundante».

Entre todos os exemplares desta arte notabilisa-se o celebre busto da mulher de Elche, conservado no museu do Louvre, que constitue uma obra prima da arte ibérica.

Este facies original, que começa a accentuar-se desde as necropoles dolmenicas da idade da pedra polida, e na civilização dos castros e cidades, toma nesta época proto-historica caracteres definidos, dando

a estes barbaros que demoravam para além das columnas de Hércules, e apenas eram nomeados nas lendas argonauticas, uma importancia capital na formação das civilisações do antigo mundo mediterraneo.

Não me refiro desde já a influencias romanas, porque todos estes factos lhe são anteriores.

Constata-se como nova aquisição para a historia, que os primeiros navegadores phenicios encontraram pelo littoral ibérico uma civilisação que não era inferior á sua, notavel pelo «florescente movimento commercial e maritimo que, partindo da ilha d'Ea, o mercado productor do estanho, tomava rumo pela estrada do Atlantico para o Sudoeste da Hespanha—seguido depois pelos aventureiros semitas—e pelas vias fluviaes do Rheno, Danubio e Rhodano para o interior da Europa». Os «Ligures», aparentados com os primitivos Albiões das ilhas britannicas, e com os oestrymnios, Cynetos e Tartessios da Peninsula, teriam sido os transmissores desta civilisação de character mycenico, levando-a até ás margens do Rheno, ás praias do Baltico e talvez ao sul da Scandinavia. (M. Sarmiento).

Foram estes povos liguricos do littoral ibérico que guiaram os primeiros argonautas das lendas gregas e phenicias, em busca do toirão de ouro, pelo extremo occidente da Europa. Dos phenicios não tiraram, sequer o alphabeto, tido como o unico invento dos mercadores navegantes de Tyro e Sidon; as lapides de caractéres ibéricos, garantem a esta escripta uma incontestada antiguidade; pelo contrario esse alphabeto, cujos caractéres têm similes em todos os povos da bacia mediterranea, incluindo o norte berberico da Africa, foi mais uma aquisição do traficante semita que o

transplantou de mistura com mercadorias e civilizações cosmopolitas por toda a orla do Mediterraneo, do occidente ao oriente, ou vice-versa. A hegemonia dos pelasgos no oriente, lançou-os para o occidente, forçando-os a passar as columnas de Hercules. Dahi em diante, iberos e ligures lhes ensinaram a estrada occidental para as minas do estanho, do cobre e do ouro. Nas suas lendas e periplos, o aventureiro semita escondeu a origem longiqua do seu commercio, negando a existencia desses povos civilizados que demoravam nesses paizes remotos onde o sol se escondia; consoante um proposito de politica commercial, confundiram e embaralharam povos e civilizações do occidente europeu. E dahi tiraram o maximo de gloria e de proveito.

A archeologia prehistorica, com o seu methodo naturalista de analyse, veio esclarecer o problema; fez-se a *miragem oriental* que collocava nesse ideal paraíso onde raiam as auroras, a fonte de todos os povos e civilizações; egualmente se derruiu o romance da civilização phenicia, do seu alphabeto e dos seus inventos. Affirmou-se com nitidez a existencia de uma *civilização occidental* abrangendo os paizes desta parte do Mediterraneo, as terras que se extendem pelas costas atlanticas, pelas ilhas inglezas, até ao mar do Norte; fez-se a reconstituição desse vasto mundo occidental; e n'esses tempos primitivos que a historia esqueceu, para alem do mais puro archaismo grego, encontra-se uma civilização que não é oriental que não é chaldaica, assyria ou egypcia, que tem as suas artes e industrias, que tem uma escripta que não é ideographica nem hieroglyphica, composta de signaes alphabetiformes.

Invertem-se os polos do mappa antigo das primeiras civilizações. A Peninsula Iberica, entre o Mediterraneo e o Atlantico, ligando os dois continentes, foi o entreposto natural dessa civilização, a chave de todos esses roteiros maritimos que seguiram os povos vindos do oriente asiatico ou do norte africano, ao mesmo tempo que o *terminus* das longas estradas terrestres do centro, do norte e do oriente europeu. Aqui se estabelece o polo occidental.

Por circumstancias de lugar, tendo-se limitado ás costas maritimas uma parte das influencias ethnicas navegantes e instaveis, tendo-se acantonado outras nos districtos centraes e sendo absorvidas pelos nucleos autochtones, um facto notavel é a permanencia de certos *typos ethnics* peninsulares e consequente homogeneidade do seu composto anthropologico.

Dentro da Peninsula, a provincia LUSITANIA, que póde considerar-se theoreticamente o nucleo territorial da nação portugueza, conserva o seu caracter original, linearmente definido. Poder-se-á afirmar com Martins Sarmiento, o sabio archeologo portuguez, que: os *lusitanos*, ao contrario do que geralmente se pensa, têm, graças á sua posição geographica, uma das mais puras arvores geneologicas dos povos antigos. Formado por um grupo de tribus, pertencentes á migração árica que primeiro penetrou na Europa. . . este povo manteve-se no Noroeste da Hespanha com a sua velha lingua, os seus velhos costumes, a sua velha civilização, emfim, até á conquista romana».

III

Os typos anthropologicos

Antes de proseguir narrando o pouco que a historia nos revela a proposito d'estes povos, nossos antepassados, vamos verificar, applicando o mesmo processo naturalista de analyse, quaes as raças ou typos de que se compõem os primeiros nucleos de habitantes do paiz de Portugal.

Pelos estudos anthropometricos feitos sobre os restos humanos das estações archeologicas, desde os tempos prehistoricos, e pelas observações realisadas sobre os habitantes actuaes, poder-se-ha separar esse composto nos seguintes elementos ethnicos constituintes:

1.º—RAÇA PRIMITIVA DOLICOCEPHALA: craneo longo, face curta, baixa estatura, morena, cabellos escuros. E' o chamado *Homo mediterraneus* ou *Homo arabicus*, substractum o mais primitivo, que se encontra em todos os paizes da bacia do Mediterraneo, costas europeias e africanas, na sua metade occidental. E' a primeira raça autochtone, proveniente desse typo de Neanderthal que vem desde a época paleo-

lithica, e cujos representantes actuaes mais puros se encontram localisados nas montanhas do Alto-Minho, Traz-os-Montes e Beira.

Dentro deste typo dolicocephalo, dois sub-typos teremos a considerar: um de baixa estatura, o primitivo autochtone já descripto; outro de alta estatura, de posterior influencia, exemplificado nos trogloditas das costas mediterrânicas, no craneo classico do Cro-Magnon.

2.º—RAÇA BRACHYCEPHALA: craneo largo, baixa estatura, morena, cabellos escuros. E' o denominado *Homo Alpinus*. Considera-se a raça dos primeiros emigrantes prehistoricos, que chegaram á Peninsula iberica no começo do periodo neolithico. A esta raça chamaram os anthropologos *Celtica*, ou *Celto-slava: Ligure*, porém, será a sua mais acertada designação historica. Desta raça se encontram em Portugal raros typos puros: apparece fundida nos typos médios ou mesaticcephalos, sem ter uma localisação definida. Em Hespanha localisam-se os seus representantes na região Cantabrica, na baixa Andaluzia, incluindo a bacia do Guadiana.

3.º—RAÇA DOLICOCEPHALA HARMONICA: craneo e face longos, alta estatura, olhos claros, tez branca, cabellos louros ou ruivos. E' o chamado *Homo Europæus*, por se considerar o typo nobre europeu. Appareceu este typo nos cemiterios de tumulos alinhados das primeiras edades do ferro; denominou-se por isso dos *Reihengraber*, segundo a classificação de Hölder. E' a raça tambem conhecida por nordica, kymrica, teutonica, germanica ou gauleza.

Invadiu a Península em varias épocas; apparece nos cemiterios luso-romanos de Cascaes do typo dos Reihengraber. As suas invasões posteriores datam do seculo V, e a sua influencia nas populações de Portugal accentuou-se no norte do paiz e em nucleos da costa maritima—nestes, conjunctamente com o typo nitido do liby-phenicio.

Quanto aos caractéres geraes descriptivos, dar-vos-hei o seguinte resumo:

Côr dos olhos e dos cabellos: E' a população mais morena da Europa; a influencia loura segue a zona maritima do Noroeste e Sudoeste, prolongando-se com a Galliza actual. Nas regiões centraes e montanhosas o typo moreno é o mais puro. O portuguez, pelo seu typo médio, approxima-se do Aquitania, do habitante das ilhas occidentaes do Mediterraneo e do typo Berbér do norte africano.

Indice cephalico: E' o mais dolicocephalo dos povos europeus; o typo mais puro encontra-se tambem nas terras montanhosas de Traz-os-Montes e Beira. Dos paizes limitrophes, a Hespanha é mesaticephala, a França mais brachycephala.

Estatura: A média portugueza é igual á italiana, inferior á franceza, ligeiramente superior á hespanhola. O montanhez do norte de Portugal é baixo, representando o dolicocephalo primitivo; no centro é alto, accusando a descendencia no typo dolichoide de Cro-Magnon; nas planicies da faixa maritima é alto, denunciando a influencia do elemento nordico invasor. No seu typo médio o portuguez integra-se no quadro da população mediterranea, nas suas plagas occidentaes.

A população portugueza é considerada actualmente

como a mais dolicocephala e homogenea da Europa Occidental.

Portanto, dentro da Peninsula Iberica, a gente portugueza conserva-se em uma formula ethnica, com feição distincta, não obstante as zonas intermedias de contacto com as outras provincias peninsulares.

Quadro dos povos primitivos

Conjugando os dados da archeologia prehistorica com os da anthropometria e da historia, poderemos estabelecer de um modo summario o quadro chronologico dos povos que concorreram para a constituição do portuguez actual:

1.º—O habitante autochtone, contemporaneo dos phenomenos geologicos que produziram as formações alluvionares consecutivas ao periodo terciario, companheiro de uma fauna de especies desaparecidas, anterior aos phenomenos glaciarios das primeiras épocas do periodo quaternario.

2.º—Um povo de caractéres similares, porém de maiores proporções, irmão do primitivo *berbère* do norte africano, cuja descendencia se propagou pelo occidente da Europa; é o povo *iberico*, não aryano.

3.º—Nova população de typo anthropologico diferente; consta dos primeiros *ligures brachycephalos*, vindos do Oriente, portadores de uma civilização mais avançada; as primeiras immigrações com a industria

da pedra polida, as segundas com a industria dos metaes; é um povo aryano.

4.º—Primeira invasão dos povos indo-germanicos, ditos *celtas* ou *gaulezes*, que se estabeleceram ao noroeste e sudoeste da península.

5.º—Expedições de *liby-phenicios*, vindo primeiramente como negociantes estabelecer os seus «empórios» ou «feitorias» pela costa maritima; mais tarde os *punicos* ou *carthaginezes* como conquistadores, pretendendo avassalar toda a península. Desde o seculo XII até ao seculo II antes de Christo.

6.º—Povos de nacionalidade *romana*, dominando politicamente toda a península, impondo a sua civilização e a sua lingua. Não se accusa a sua influencia sob o ponto de vista ethnico por serem povos de composição similar á dos vencidos, tendo o mesmo fundo *ibero-ligure*.

7.º—Segunda invasão de povos germanicos ou teutonicos, começando no seculo V, da éra actual. Os *vandalos*, *álanos* e *suevos* primeiro, os *wisigodos* depois.

8.º—Conquista dos *arabes* e *berbêres*, vindos do norte da Africa, e estabelecendo-se na península desde os seculos VIII a XII.

Todos estes povos forneceram elementos para a composição da actual população portugueza. Entretanto, o quadro de apparencia complexa e desordenada, uniformiza-se e simplifica-se desde que cataloguemos os elementos pelas suas relações de afinidade.

Sobre o primogenito fundo *ibero-berbérico*, o elemento *lingurico* completamente se adaptou, combinando-se em um producto definido: é o mesaticephalo moreno, de estatura média, de typo commum.

Os elementos posteriores de natureza berbérica, semita, punica, etc., encontráram já nesse composto aborigene elementos affins, não provocam alterações radicæes do typo primitivo, reforçam apenas alguns dos seus caractéres ethnicos fundamentaes.

O elemento verdadeiramente estranho é o germanico, *galata* ou *celta*, cuja acção é mais notavel nos paizes da Galliza e Portugal. Esta influencia é nestes meios ethnicos mais antiga e profunda do que têm supposto alguns dos nossos mais doutos historiographos. Vem desde o primeiro periodo da edade do ferro.

Ao *ligure* compete, de facto, um papel primordial na historia das civilisações e na formação dos povos peninsulares, mas ás posteriores invasões *teutonicas*, coube tambem missão não menos importante na constituição do organismo nacional, quer sobre o ponto de vista ethnico ou anthropologico, quer sob o ponto de vista social.

ex

A Lusitania

São incompletos os dados da geographia antiga sobre a localização dos diversos povos peninsulares. Julio Cesar em seus *Commentarios* alguma coisa nos diz sobre a denominação de alguns povos da Gallia, seus paizes, typos, usos e costumes. Delle concluimos a natureza dos aquitanos, mescla de gaulezes com a raça aborigene, verificamos a egualdade ethnica entre celtas e gallos, e classificamos os belgas como gaulezes ou germanos authenticos.

De Strabão, que escreveu no primeiro seculo da era actual, extractamos: «Ao norte do Tejo dilata-se a «Lusitania» habitada pela mais poderosa das nações ibericas e que entre todas por mais tempo deteve as armas romanas. Este paiz tem por limites ao sul o Tejo, a oeste e norte o Oceano, a oriente as possessões de Carpetanos, dos Vettões, dos Vacceus, e dos Callaicos, não fallando senão dos povos conhecidos, porque ha outros que não merecem nomear-se, por obscuros e pouco importantes. Em opposição ao que acabamos de dizer, alguns autores modernos com-

prehendem entre os povos da Lusitania estas tribus limitrophes. Neste caso devemos dizer que estas tribus confinam pelo lado de leste os Callaicos com o territorio dos Asturos e dos Celtiberos, e os outros todos com a Celtiberia. . . Os ultimos povos da Lusitania são os «Artabros» que habitam parte do Capo Nerio. Na visinhança do mesmo cabo, que forma a extremidade tanto do lado occidental como do septentrional da Iberia, habitam os Celticos, proximos parentes dos das margens do Anas. Conta-se, com effeito, que um bando destes ultimos empreendeu outr'ora uma expedição em companhia dos Turdulos contra os povos desta parte da Iberia e entraram em desordem com os seus alliados logo na margem ulterior do Limeas, e, perdendo em tal occasião para cumulo de desgraça o chefe que o commandava, se espalhou no paiz, decidido a permanecer ahi. . . »

Este trecho nos explica a importancia do paiz dos Lusitanos, que se estendia desde o Tejo até ao mar Cantabrico, e demarca exactamente a situação dos primitivos Celtas, ao sul nas margens do Guadiana, e ao norte junto do Cabo Finisterra, conforme a indicação de Herodoto e Plinio. Estas localizações celtas correspondem de facto ás influencias gaulezas que já notamos, ao norte e sul, alongando-se pela faixa atlantica, verificadas no typo medio da actual população destas provincias.

Segundo o proprio Strabão, na mesopotamia entre o Tejo e o Guadiana, além de populações celticas, acantonavam-se algumas tribus de Lusitanos. A area do paiz lusitano, cuja designação tem apenas valor historico, estendia-se, pois segundo o actual territorio de Portugal e mais a provincia da Galliza.

D'esta feita reduz-se a termos muito concisos a theoria «Celtista» que transformava em «Celtas» todos os povos da peninsula; a autonomia das tribus lusitanas e outras não celticas naufragava nesse mesmo oceano celtico; teve, porém, entre nós um salvador de muito saber, Martins Sarmiento, o qual antes de Jubainville e outros ethnologos d'além Pyrineus, estabeleceu em bases perfectas a these ligurica do occidente europeu.

«Para nós, Lusitanos, diz Sarmiento — como os Albiões, Oestryninides, Hibernos, Cempses, Cynetos e Tartesios, são ramos da velha emigração aryana cuja affinidade de costumes e lingua com os ligures, selloi, graiceí, etc., não póde ser seriamente contestada, nem em face das affirmações dos escriptores antigos, nem das razões que se nos impõem por differentes vias.»

O lusitano resistiu á invasão celtica, como se oppoz á conquista romana. Não obstante, romanisou-se em parte, e esta tendencia para a romanisação explica-se pela affinidade original destes povos. Não só as formulas de culto, que os antigos historiadores diziam ser á maneira grega, mas tambem as linguas, teriam um intimo parentesco, do qual sahiram os idiomas romanicos. O Basco e o Germano do norte, conservaram os seus idiomas, não obstante a acção da civilisação romana; é que não havia entre estes povos e o romano as mesmas affinidades ethnicas.

Entretanto, deve declarar-se que o character archeologico das civilisações prehistoricas peninsulares, desenterradas em excavações de antigas cidades e necropoles, tem um cunho particular que força a sua classificação como *luso-romanas* e não sómente *romanas*. O elemento luso, como de resto o elemento italiota, gallo

ou etrusco, não se fundiu por completo n'esse meio romanisante. Características fundamentaes os differenciám entre si e a cada qual do elemento romano.

Não obstante as batalhas destruidoras entre raças e povos, estes nunca desaparecem por completo; são muitas vezes os vencedores que se fundem na massa dos vencidos, e estes conservam sob o jugo politico das novas leis e autonomia do seu caracter ethnico, dos seus costumes e tradições.

Um exemplo vos aponto, digno de nota na nacionalidade britannica, cujas qualidades collectivas são apresentadas como modello; é a distincção entre o escossez, o gaelico, o irlandez, e o anglo-saxão. Ahi, o dominio dos homens nordicos foi completo; e apezar d'isso, está em permanente revolta (como o francez contra o allemão) o espirito dos povos ibero-liguricos que occupam justamente a Irlanda, o paiz de Galles e o Norte escossez; são da mesma estirpe os povos que habitaram o noroeste da Peninsula, conservando cá e lá o mesmo typo moreno, as mesmas tradições populares, e um folklore similar com identicas lendas e cantigas, que nascêram do mesmo fundo commum e desde as epopeias rudimentares da idade do bronze.

Citar-vos-hei ainda Sarmiento que diz: «É um facto que as costas occidentaes da Hespanha foram infestadas por differentes bandos germanicos, que, segundo o seu costume se decimavam em luctas fratrecidas, e foram em seguida quasi totalmente exterminados pelos arabes. A invasão arabe, melhor dotada de força e de cultura, submetteu quasi toda a antiga Lusitania, e muitas vezes inquietou a Galliza, ao norte; mas não é menos verdade que, a par e passo que os novos semitas foram expulsos, se vê levantar, desde os confins

do Algarve até ás fronteiras da Galliza, um povo possuindo o mesmo modo de sentir e de pensar, a mesma lingua, conservando a toponimia pré-romana, e ligado aos seus castros, aos seus dolmens, ás suas fontes, etc., uma infinidade de tradições que sem duvida têm as suas raizes na civilização pré-romana.»

Seria longo, meus senhores, e resultaria demasiado fatigante, a discussão dos principios enunciados n'estas theses ethnologicas. A eruditos importa essa questão que implica com um mundo de sciencias.

D'este conjuncto de observações, estudos e hypotheses, resulta como epilogo, não obstante uma aureola nebulosa que a sciencia mal dissipa, um paiz a LUSITANIA, um povo o LUSITANO, cujas condições mesologicas e ethnicas, muito embora a sua complexidade, lhe garantem autonomia dentro do classico mundo europeu.

Dentro d'esse mesmo paiz de hoje, localizado como ao tempo do geographo Strabão, está o nucleo de uma nacionalidade moderna, a PORTUGUEZA, proveniente d'esse anterior composto ibero-ligure; apezar das suas diminutas proporções, resiste e reconstitue-se sob os grandes cataclismos historicos que assólam o paiz, e lucta heroicamente pela sua independencia, occupando algumas paginas da historia da humanidade com as suas epopeias de immorredoura e universal gloria.

As origens prehistoricas da nacionalidade

Na phase da civilisação immediatamente anterior á conquista romana, deixamos os povos da Lusitania fortificados no alto dos montes que dominam as planicies e os valles secundarios do norte do paiz. Dentre as florestas espessas que occupavam o fertil sólo dessas bacias, talhadas por innumerous ribeiros e torrentes, outra floresta se erguia, dominando a primeira, constituída pelos pincaros fortificados que habitávam os remotos povoadores.

O paiz eriçado de rusticas fortalezas, deveria ter apresentado aos primeiros invasores um aspecto temeroso, que o panico e os desastres das primeiras hostes conquistadoras claramente attestam.

Todos os pontos dominantes de importancia estrategica têm uma *cividade*, um *oppidum*, um *castro*, um pequeno fortim ou atalaia preventiva; a organização defensiva destes povoados é homogenea e perfeita.

Escondidos no alto das suas acropoles, habituados a viver cada qual sobre si, ora se guerreiam, ora se colligam contra o estrangeiro invasor. Este, para con-

quizar esse paiz tão admiravelmente defendido, tinha que batalhar passo a passo, conquistar castro a castro. Não era sem razão que Appiano se refere a estes barbaros da Lusitania como «gens bellicosissima» notáveis pelo sentimento violento de indomita independencia.

A cada uma destas cidadélas corresponde um cantico do poema heroico e guerreiro deste povo. O monte *Medullium*, sobranceiro ao rio Minho, conta Orosio que foi cercado com um fôssco de 15.000 passos, afim de vencer a multidão ahi fortificada; essa gente era «trux natura et ferox» preferindo a morte voluntaria á escravidão. (A. Sampaio).

E' igual a epopeia de Numantia, a celebre cidade das cabeceiras do rio Douro; e são eguaes as dos demais castros nas suas luctas com os romanos. Além, era Augusto quem commandava o exercito romano; áquem, era Scipião o general. Combateram na Peninsula contra os lusitanos os mais valorosos soldados e generaes romanos; aqui tiveram muitos a morte e experimentaram outros as desastrosas derrotas. Roma venceu por ultimo, não obstante a resistencia de Viriato e a revolta de Sertorio.

A reconstituição historica da sociedade desta época, cujo meio physico e cuja estructura ethnica acabamos de esboçar, foi obra de um investigador consciencioso e douto, Alberto Sampaio.

Companheiro de Martins Sarmiento, ambos de Guimarães, a vetusta cidade minhota, como aquelle se dedicou á penosa investigação das nossas origens historicas. M. Sarmiento excavando os montes e desenterrando a civilização ligurica: A. Sampaio interpretando os restos archeologicos, os documentos escriptos, as

tradições, os usos e costumes nessa mysteriosa antiguidade. A sua obra de restauração baseia-se nos documentos de toda a especie provenientes da sociedade asturo-leoneza, á medida da sua reorganisação. Esta formula transitoria, entre o periodo romano e o portuguez, condensa elementos da vida anterior, e elementos de gestação da vida futura da nacionalidade portugueza. Esses documentos constam de: titulos de doação, compra e venda de propriedades rusticas, relatos de inquirições, livros de usos e costumes, livros de linhagens, alçadas dos primeiros reis, etc.; a grande parte destes documentos foi lida e publicada na obra «Portugalia Monumenta Historica»; o seu estudo constitue a base da historia dos primeiros tempos da fundação do estado portuguez, e forma o primeiro capitulo a antepôr á Historia de Portugal de Alexandre Herculano.

Alberto Sampaio avançou alguns seculos por esse passado mysterioso que Herculano respeitára; as suas obras irmanam-se, pela commum orientação philosophica, pela superior honestidade de investigação, pela pureza da linguagem, pela elevação e inteireza do patriotismo.

A obra de Sampaio, intitula-se modestamente «As villas do Norte de Portugal». Esta obra de reconstituição abrange o periodo de quasi 13 seculos; demonstra o desenvolvimento da sociedade portugueza, marchando sempre em uma filiação historica, desde quando a civilisação romana, após a conquista pelas armas (14 da era christan) se impoz á população vencida, de modo a tornar-se a base da sociedade que ainda hoje existe.

Vou transcrever, resumindo, esse immenso quadro,

certo de que elle constituirá o capitulo mais importante e original desta licção.

Dentro de cada *Cividade* com seus *Oppida* existia uma população fixa, organizada em Gens ou familias. Cada cidade occupava uma circumscripção agraria, *Ager*, que lhe proporcionava a alimentação em cereaes, fructas, animaes domesticos e bravios. O regimen era o das pastagens communaes, taes como chegaram até hoje nas regiões montanhosas. A cultura cerealifera, acanhada e rudimentar, não constitue ainda um regimen particular de propriedade.

Com a romanisação constituiram-se as *Villas*; nellas os chefes das *cividades* instruidos pelos conquistadores installaram, em parcellas os *clientes* pobres, e tomaram para si uma secção agricultada por *servos*. Nessa já vasta propriedade desponta desde logo a pequena cultura. Coberto o paiz de *villas* ou predios rusticos, systematicamente organizado para a exploração agricola, jámais se interrompe o aproveitamento do solo e o alargamento da gente. Fixa-se a terminologia rural, da qual o neo-dialecto deriva a de uso corrente. A romanisação transformou a primitiva sociedade e creou uma nova. E' o periodo da grande e definitiva civilisação.

Em 409 chegam os *Suevos*, povos de raça nordica ou germanicos; o seu advento não provoca mudanças radicaes; breve, invasores e invadidos se unem para constituir um reino á parte, que vai até 515, anno em que outros povos de estirpe germanica, os *Wisigodos*, o absorveram.

A organização social, porém, não se altera; apenas

alguns nomes germanicos se substituem aos romanos, como estes haviam supplantado os das *citánias*.

Com a invasão sarracena, em 712, a desordem foi maior e prolongada. Os invasores não conseguiram fixar-se para além do Douro. Apesar da incerteza, do terror do inimigo e decadencia das cidades as *villas* permaneceram; dentro dellas, guiado pela pratica, o povo perseverou no cultivo da terra, muito embora, na falta de governo protector, a visse frequentes vezes talada, e tivesse de a defender ou esconder-se, emquanto passavam os exercitos indisciplinados; com o trabalho agricola manteve tambem as tradições do dominio espirital.

Da *Villa* passa o regimen da propriedade, através da evolução agraria neo-goda, até á *Freguezia rural*. A feudalidade não se institue em Portugal; na alta Edade-Média a pequena lavoura romana transforma-se em pequena propriedade. As duas instituições, «*villas* e *freguezias*», succedem-se mas não se confundem; as *villas* foram propriedades em todo o rigor da palavra; a *freguezia* é uma especie de *communa* sem carta, que se forma em volta do *campanario*. Em ambas o perimetro é em geral o mesmo, e identica a população, proveniente da estirpe antiga das *clientelas*, que desceram das *citánias acastelladas*.

O senhorio é que diversificou; os *domini* faziam uma classe de grandes proprietarios, com poder quasi absoluto sobre a maioria dos cultivadores, entretanto que os senhores asturo-leonezes careciam da riqueza, do poder, da fixidez e auctoridade dos outros. Desfeitos os grandes fundos, satisfazem-se com fragmentos os mais ambiciosos e os mesmos bens da corôa não passam de retalhos dispersos pela provincia. Depois

da catastrophe wisigotica cessa o viver faustoso das classes superiores; a mediania nas condições geraes da vida e um regimen sem requintes são o typo commum. Apesar da divisão do senhorio, das luctas com o estrangeiro e discordias internas, os lavradores não cessam de tirar da terra nunca inerte o sustento de cada dia e o custeio das despezas publicas: os dirigentes descem pela maior parte ao nivel popular.

Tal era a sociedade, cujos traços fundamentaes memóra a tradição nos documentos precedentes. As batalhas incessantes que seleccionaram e nobilitaram os combatentes mais valorosos, levaram a liberdade ás ultimas camadas da população rural; methodicamente armada pela necessidade do ataque e defesa, apresentava-se já, antes de se fundar o Estado Portuguez, exercitada por igual na guerra e no trabalho; a cada passo o «appelido» arrancava-a das cabanas, dos pardeiros e quintanas, reunindo-a no campo da peleja. Acoutiados pela corôa os nobres são os cavalleiros de profissão: residindo em casas sem luxo, vivem em intimidade com o povo, ora na melhor harmonia, ora em questiunculas de proprietarios minusculos, mas sempre protegendo-o. Deste, os mais pobres combatem a pé e peões formam a admiravel infantaria portugueza medieva. Dos herdadores abastados saem os cavalleiros villãos, que na batalha occupam o logar honroso da vanguarda; dado o primeiro choque, confundem-se com os cavalleiros nobres e sel-o-hão tambem, se a fortuna e a sorte das armas os ajudar. O castelleiro, em cujas mãos reside a ultima defeza do paiz e o rico-homem, governador da terra, com pendão e caldeira, assentam-se ambos no tempo de paz, á mesa do lavra-

dor, e comem do seu pão. Acima de todos está o rei, senhor do seu reino, com o imperio absoluto. Apesar do poder supremo, tão pouco exigente, contenta-se com o aceio que os foreiros lhe fazem no paço, e com a comida rustica que sabem preparar. A disciplina distingue os homens, mas liga-os a irmandade do sangue, assim como os eguala a mesma vida do espirito e uma pobreza forte.

Ao findar este quadro estamos dentro do «Estado Portucalense», cujas origens historicas estão fixadas no proprio topónimo, de onde provém a denominação do novo reino. De facto, na margem esquerda do Douro, onde passava o itinerario de Lisboa a Braga, estava *Calem* com o seu castro: *Portucale castrum* se chamou; fronteiro, na margem direita ficava o porto de Calem: *Portucale locum*.

Nesse «Castro» ou «Cividade» préromana se originou o nome de um districto, um condado, um futuro reino.

O rio Douro foi a divisa que o ultimo cadastro peninsular dos romanos attribue á Lusitania; para o norte ficava a Gallaecia. Nessa *Cividade* dos confins da Lusitania, os mesmos phenomenos archeologicos accusam a permanencia da população, a continuidade das civilizações, sob a influencia dos mesmos cruzamentos ethnicos e de analogos acontecimentos historicos.

Pelo determinismo de todas estas circumstancias de ordem geographica, ethnica, e historica, dentro da velha *Lusitania* teve a sua nascença a *nação portucalense*. Isto se contrapõe, de facto, ao principio estabelecido por Alexandre Herculano, negando quaesquer relações de afinidade entre a nação actual e essas tri-

bus de *lusitanos*; segundo o nosso grande historiador, era impossivel ir entroncar nelles a nossa historia ou delles descer logicamente a esta. E diz: «Portugal, nascido no seculo XII em um angulo da Galliza, constituido sem attenção ás divisões politicas anteriores, dilatando-se pelo territorio do Gharb sarraceno, é uma nação inteiramente moderna.» Em verdade, assim é, se considerarmos tão somente o individuo politico, organizado pelo esforço e tenacidade dos nossos primeiros principes e seus cavalleiros.

Todavia, não era moderno, mas de mui remota origem, o povo que occupava a terra da nação portugueza, nestas datas historicas da sua nova constituição politica. Segundo os methodos archeologicos e anthropologicos foi esboçado o quadro d'essa linhagem que ascende a épocas anteriores ás mais antigas chronologias.

Ao tempo de Herculano, a historia natural dos povos e civilizações estava em seus inicios; em Portugal ensaiavam-se as primeiras excavações e dos caracteres anthropologicos dos seus habitantes nada se sabia. As nossas origens estavam cada vez mais obscuras por velhos mythos e lendas locaes, que os eruditos, em seu pedantismo classico, haviam accumulado, transcrevendo, commentando, ampliando os historiadores, geographos e chronistas, gregos, romanos, arabes, etc.

Com a sua celebrada hombridade, o illustre chronista desprendeuse de todos esses romances de classicistas, e fundou no periodo Asturo-leonez a Historia de Portugal.

Ao passo que assim procedia, porém, Herculano dirigiu a coordenação, a leitura e a publicação de to-

dos os documentos originaes que constituem a obra colossal «Portugalia Monumenta Historica»; este tomo de velhos pergaminhos comprehende justamente os fundamentos da historia portugueza, anterior ao seculo XII. Para além deste seculo, e na natureza dos antepassados povoadores da terra portugualense, nos seus costumes, mythos e tradições, estão as origens da nacionalidade historica que o nome tomou de um velho «Castro» prehistorico, collocado como epigraphe em seu brazão de vetusta genealogia.

Ha uns doze annos iniciou-se a publicação de uma revista de «materiaes para o estudo do povo portuguez» sob o titulo de PORTVGALIA. O seu director, no prospecto, assim dizia: «Admittida a nação portugueza como um organismo ethnico com vida propria, independente — com razões de ser de ordem ethnologica e historica — procura-se estudá-lo por todos os seus aspectos, definindo a natureza e relação dos proprios elementos, a phisiologia e mesologia da sua vida organica e *habitat*, accentuando os caractéres especificos que formam e explicam actualmente o typo nacional». Para limitar o campo de estudo ahi se analysava o fundo popular, a *grey*, no sentido hierarchico e usual do termo, que constitue o substractum da nacionalidade, o que ha de primitivo e original, desde remotas origens até hoje; desta feita se colhiam os verdadeiros elementos da vida e do character nacional, a nossa razão de ser e da nossa historia. Propunha-se então o renascimento da alma popular; iniciava-se com patriotismo e esperança obra tradicionalista de reivindicção pela *grey* portugueza. Abria-se um periodo de

renascença dentro da propria nacionalidade que seria tambem o renascimento de um velho povo.

O director d'essa revista nada mais tem hoje a accrescentar sobre os elementos e processos de estudo da nacionalidade portugueza; na natureza das raças, na contextura dos povos, como funcção do meio local e social, estão as origens da nacionalidade, os principios basilares da sua historia, e do systema politico que lhe compete.

Vimos, no quadro d'esta sociedade, nos começos do periodo portugualense, a feição constitucionalmente democratica d'esse organismo social; os principes, os nobres, os cavalleiros, vivem em communidade com os humildes lavradores. A nobreza não constitue uma casta hieratica; é fundamentalmente popular e democratica.

Oliveira Martins, cujas opiniões politicas depois se alteráram, levando-o a preparar em Portugal um partido politico de governação, fundado no absoluto poder real, escrevia em 1885 a este proposito:

«A Hespanha (que para o auctor inclue Portugal) foi por todo o sempre uma democracia. Era-o na sua existencia de tribu; foi-o sob o regimen municipal romano. A invasão das instituições germanicas aristocraticas não pôde destruir a anterior constituição da Hespanha, nem fundar no seio d'ella o regimen da hereditariedade e da casta, como o fundára no resto da europa. Este facto social e historico, combinando-se com o caracter da raça, com a nobreza, o orgulho e a independencia pessoal, fez da Peninsula uma democracia — ora militar, ora ecclesiastica, ora monarchica, ora oligarchicamente governada. O fundo, como as rochas igneas, era inabalavel; o resto eram accidentes como

os terrenos superiores, sujeitos ás influencias erosivas das correntes, isto é, ás acções determinadas pela vontade dos homens».

Ora, meus senhores, esse fundo, «como as rochas igneas» é hoje o pedestal inabalavel da Republica. Condensa a alma de um povo por todo o sempre democrata, é a synthese indissolvel do character ethnico, moral e social dessa nacionalidade, cujas origens se confundem com a historia do proprio solo nacional, desde os periodos geologicos do «Quaternario».

Egualou os homens dessa primitiva sociedade portugueza, como diz Alberto Sampaio, a irmandade do sangue e uma pobreza forte. A nobre humildade d'esta «pobreza forte» é ainda hoje uma qualidade ingenita deste pequeno povo de Portugal.

Uns lhe prophetisam o glorioso renascimento das suas antigas epopeias. Outros, por carencia de elementos nordicos, falta de individualisação, de educação particularista, lhe prognosticam uma irremediavel decadencia. Nem uns, nem outros estarão na verdade; questão de seita ou de orientação scientifica.

Muito embora o contrario proclamem esses processos philosophicos, eu creio, senhores, no resurgimento da patria portugueza.

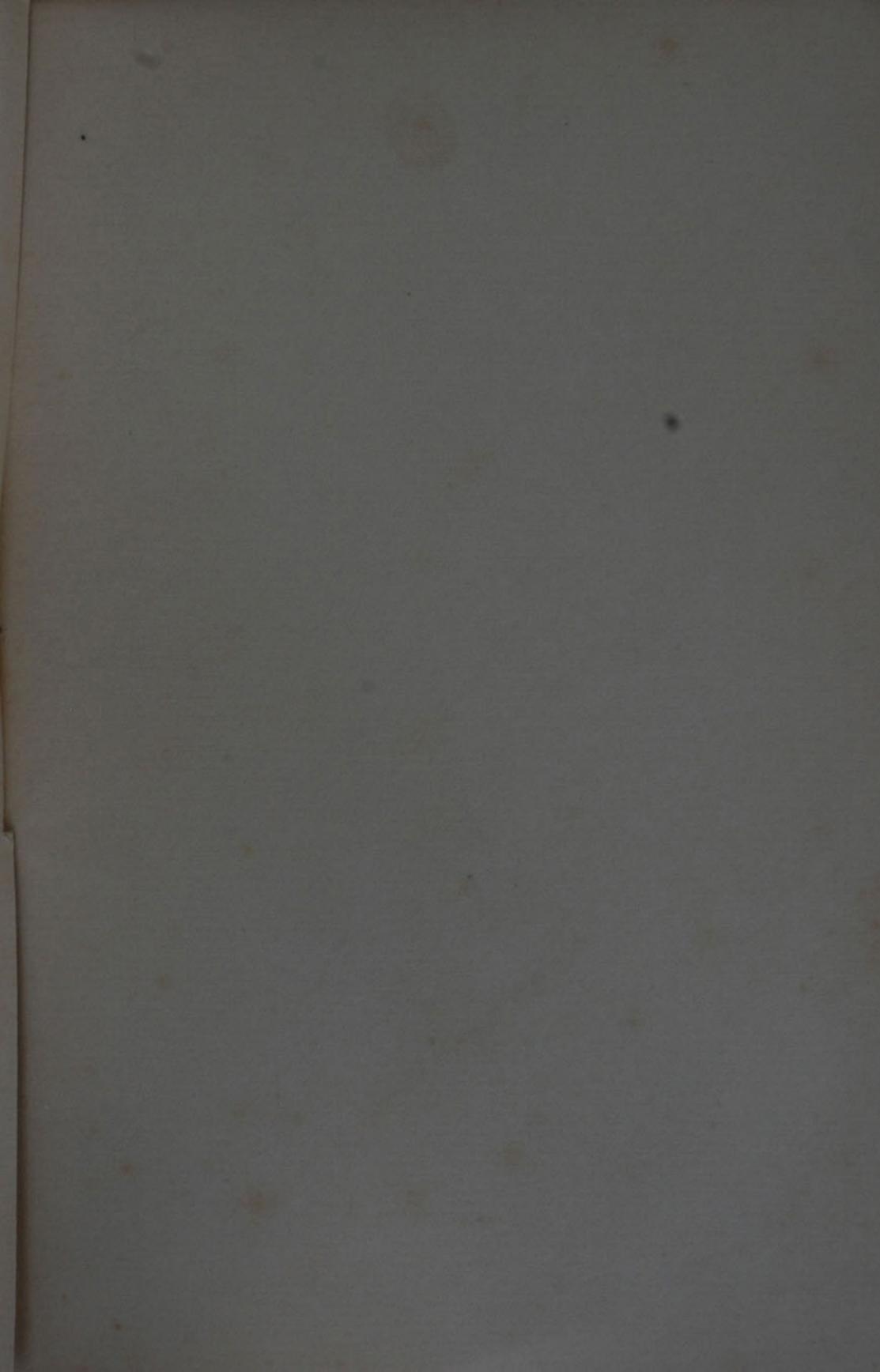
Apontar-me-heis talvez, escarnecendo, o meu erro. Quaesquer que sejam, porém, os destinos d'essa patria, mesmo junto ao abysmo tenebroso onde se sepultam os povos e as nações, eu permanecerei, convicto, errando.

Bem me importam, senhores, os vossos sorrisos; não me concedei, sequer, um unico dos vossos applausos.

Perante vós eu encarnarei, se o quizerdes, com todo o seu ridiculo e theatral aspecto, esse personagem da novella cavalheiresca, prompto a bater-se com leal e nobre fé — tresloucado que elle seja — por essa dama ideal que é... a nossa patria.

S. Paulo, 22, julho, 1911.

RICARDO SEVERO.



2/2

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20
LISBOA

DR. BETTENCOURT RODRIGUES

- Allopathia e Homœopathia.** Considerações sobre a arte de curar. 1 vol. 200
- A Republica Portuguesa.** Resposta aos que a diffamam. — Conferencia realisada no Rio de Janeiro, na noite de 10 d'Abril de 1911, no grande salão do *Jornal do Commercio*. 1 vol. 200
- A Patria e o povo portuguez.** — Conferencia realisada no Instituto Historico e Geographico, de S. Paulo, E. U. do Brazil, na noite de 24 de Agosto de 1911. 1 vol. 200
-

CARLOS MALHEIRO DIAS

- Do desafio á debandada.** — 1.º vol.: *O pesadelo*; 2.º vol.: *Cheque ao rei*. . . — 2 vol. com 720 paginas 1\$200
-

FIALHO D'ALMEIDA

- Barbear, pentear.** (Jornal d'um vagabundo.) 1 vol. 600
- Os Gatos.** 2.ª edição, 6 vol. 3\$000
-

ALVES DA VEIGA

- Politica nova.** *Ideas para a reorganisação da nacionalidade portugueza.* 1 vol. 600
-

REVISTA LUSITANA

- Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal dirigida pelo Dr. J. Leite de Vasconcellos.* 1 vol. (14.º da collecção, correspondente ao anno de 1911) 2\$400